



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

A CONSTRUÇÃO DO FAZER CIENTÍFICO: A TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL, EDUARDO ISMAEL MURGUIA

THE CONSTRUCTION OF SCIENTIFIC WORK: THE TRAJECTORY OF AN INTELLECTUAL, EDUARDO ISMAEL MURGUIA

Bianca Gonçalves Souza¹

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O artigo faz uma breve recapitulação da trajetória do professor Eduardo Ismael Murguia Maraño, falecido no ano de 2015, e que pode ser entendido como um colaborador para a construção da área da Ciência da Informação no Brasil. Por meio da análise de fatos e de escritos seus, o texto aponta como o autor primeiramente compreendia o exercício do fazer científico, isto é, da prática de produção da ciência, com as chamadas imersões e o modo de produção da ciência em conjunto com seus orientandos até a produção do documento final escrito, o artigo ou tese. Em segundo lugar, revela como a discussão de memória e seus agenciamentos é importante dentro do pensamento murguiano, a partir da avaliação de uma memória conjunta vivenciada pelo professor e por sua orientanda e como essa memória foi promotora também de uma identidade entre ambos. O texto é descritivo, biográfico e bibliográfico, mesclando alguns fatos da vida do professor, que servem de apoio para promover reflexões sobre sua obra e sobre sua produção e pensamento acadêmicos. Nas considerações finais, apontamentos foram feitos no sentido de verificar qual foi a participação do professor na construção da Ciência da Informação no cenário brasileiro.

Palavras-chave: Eduardo Murguia. Trabalho científico. Memória. Agenciamento. Murguia.

Abstract: *This article sheds light on the recapitulation of Professor Eduardo Ismael Murguia Maraño's trajectory, passed away in 2015, and tries to comprehend him as contributor to the*

¹ Doutora em Ciência da Informação. Pesquisadora pós-doc do PPGCI da UFF -Niterói/RJ

construction of Information Science area in Brazil. Analyzing facts and his texts, the article indicates how the author understood the scientific work, the practice of to do the science. Moreover, the reflection reveals how the discussion about memory is important to comprehend Eduardo Murguia as an intellectual worried with the intersections of the Information Science with other areas of knowledge, in a way to extend the dialogue around the information's question. The text is mere descriptive, biographic and bibliographic, mixing some facts of professor's life, which serve to promote reflections about his writing and thoughts. In the conclusions, there are considerations to verify what participation had professor Eduardo in the Information Science scenery in Brazil.

Keywords: *Eduardo Murguia. Scientific work. Memory. Agency. Murguia.*

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo propõe uma reflexão sobre a trajetória e a memória do historiador, mestre em Biblioteconomia e doutor em Educação, Eduardo Ismael Murguia Marañoñ– falecido há pouco mais de um ano, e que fora um dos participantes do GT 10 desde o ano de 2010 - abrangendo algumas de suas ideias e de seus conceitos, caros à sua formação profissional. Para isso, foi principalmente a partir da relação orientador-orientanda que se deu a construção desse artigo, que fica bem caracterizada em minha tese de doutorado (SOUZA, 2012), pois essa refletiu não apenas a elaboração de meu doutoramento, mas a formulação de concepções importantes para Murguia, tais como os conceitos de coleção, agenciamento e memória.

O trabalho se justifica pela relevância em se produzir um texto focado na análise de intelectuais da área da Ciência da Informação; além disso pretende contribuir para a produção de uma memória que trate de professores, pesquisadores, intelectuais que contribuem e contribuíram no Brasil para a produção acadêmico-científica no campo em cheque. Pouco se fala de como se faz a ciência; fala-se de seus resultados, mas de como é difícil fazê-la (das difíceis horas de escrita e leitura, das relações entre as pessoas, os obstáculos que são transpostos para conseguir publicar artigos em periódicos), não vemos trabalhos que sejam voltados para essa reflexão e que elucidem como as pessoas, realmente, vivem a ciência que ajudam a construir.

Um ponto de partida para essa análise pode ser encontrada no texto de Lorelai Kury (2004), no qual trata de homens da ciência no Brasil do final do século XVIII e início do XIX: em suma, ela retrata grandes personagens, como José Bonifácio, e de como esses homens podem ser reconhecidos como cientistas nos moldes do período em questão. A partir dessa perspectiva, buscou-se compreender que Eduardo Murguia foi também um homem de ciência no Brasil e um personagem fundamental dentro das redes que movimentam a Ciência da Informação no país. Com sua produção, suas ideias, aulas e até mesmo em seu modo de vida,

é possível captar reflexões que reforçam como ele pensava o exercício do fazer científico e questões como a da memória e identidade.

Outrossim, também não é objetivo do artigo realizar uma descrição biográfica do autor, ainda que essa possa corroborar para o estudo das ciências. No mais das vezes, o que se pretende é compreender ou esboçar brevemente a identidade de um cientista, a qual passa pela própria nomeação da pessoa até seus escritos e modo de vida. Eduardo raramente utilizava o sobrenome Marañon e isso dizia muito sobre sua origem; nascido no Peru, país herdeiro de uma tradição espanhola, o sobrenome mais valorizado é o do lado materno, no caso Murguia, o que o fazia geralmente negligenciar o último patronímico. O objetivo, portanto, é conhecer a trajetória de vida de Eduardo Murguia, mas sempre à luz dos campos científicos no qual ele, como intelectual, esteve inserido (BOURDIEU, 2006).

Assim como outros professores da área em pauta, Eduardo Murguia dedicou-se por mais de duas décadas à docência universitária no Brasil e, em especial, para cursos de História, Biblioteconomia e Arquivologia, passando por instituições como a Universidad Católica del Perú, Universidade Metodista de Piracicaba, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Universidade de São Paulo – USP, Universidade Federal Fluminense – UFF, e como colaborador junto à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, bem como foi pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (GUIMARÃES, 2016), o que promoveu nele a possibilidade de disseminar o conhecimento, mas também de produzir conhecimento e compreensões próprias a respeito de seu campo de atuação e uma parcela dessas ideias, sobre coleção, memória e agenciamento serão pensadas nesse artigo, que se liga também intimamente ao trabalho que desenvolvi juntamente com Edu.

Dentro do GT-10 Informação e Memória, o professor Murguia esteve presente em 2010, juntamente com Maira Grigoletto (GRIGOLETO; MURGUIA, 2010) e no ano de 2013 com Gabriela Pedrão (PEDRÃO; MURGUIA, 2013), ambos trabalhos tratam da questão do patrimônio e da memória institucional e eram relacionados aos trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelas respectivas orientandas do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Campus de Marília/SP. Já em 2015, logo após seu falecimento, o trabalho com Bianca Souza (SOUZA; MURGUIA, 2015) tratava do pensamento positivista e sua participação na formação de um projeto de nação com o fim da Monarquia e início da República, artigo que também refletia sobre a noção de memória e identidade nacionais.

Dessa forma, o artigo pretende reforçar a compreensão acerca da discussão de memória e informação, produzindo um texto sobre o fazer científico de um intelectual da área

da Ciência da Informação, bem como destacar como se desenrola a tensa e frágil relação entre seres humanos na construção desse saber.

Além de uma relação de orientador e orientanda, havia a vivência de dois grandes amigos que viveram muito próximos, que eram muito diferentes entre si em ideias e gostos e nesse sentido, Eduardo Murguia se configurou sem perceber na figura do mestre, assim como faziam os gregos, que mantinham seus pupilos por perto e iam além de lições ensinando-lhes no correr do tempo aquilo tudo o mais que se lhes ocorria de raciocinar e refletir.

Então, pode-se dizer que esse artigo reflete também quão relevante é o ofício do professor e mestre, que é quem acaba por ser o guia de novos iniciados no ofício de fazer ciência. Não são curiosidades ou “causos” – assim como poderia parecer se tratasse de uma conversa despreocupada e descompromissada; a missão desse artigo é mostrar como nossa prática de vida se mistura com o ofício de pesquisador que escolhemos e como esse agencia-nos por todos os lados nas escolhas e posições que assumimos.

2 O EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO DE UMA CIÊNCIA – AS IMERSÕES

Convivi por uma década com o professor, que também foi meu orientador de doutorado e, nos últimos anos (2014 e 2015), convivemos por conta do pós-doutorado em andamento que eu desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói/RJ. O trabalho com o professor Eduardo era escrito; especialmente as dissertações e teses de seus alunos eram fruto de um processo que ele chamava de imersão. Alguns dias, mais noites e madrugadas do que manhãs, discutindo, conversando, entre cigarros, cafés e chás, escrita, algumas leituras. Assim ficávamos três, quatro dias, dos quais resultava uma estrutura e dessa saíam os bons trabalhos que ele produziu e os outros tantos que fez com seus alunos². Esse exercício da imersão era repetido várias vezes, e as escritas assim eram gestadas em conjunto, para que depois cada orientando desse continuidade.

Bem, dessa maneira é que foi feita toda minha tese de doutorado, seja enquanto ele ainda esta em Ribeirão Preto, ou nos anos seguintes, quando já havia se mudado para Niterói e ingressado na UFF. Várias viagens de Marília a Niterói foram feitas. Às noites, a produção era intensa: leituras, discussões em frente ao computador, escrita, releitura da escrita, busca de novas fontes. Nessas conversas foi que o meu orientador de doutorado então me incentivou a buscar fazer um estágio de doutoranda fora do Brasil, que se concretizou no ano de 2010, na Universidade de Leicester, no Departamento de Estudos sobre Museus. Esse projeto foi

² SOUZA, 2012; GRIGOLETO, 2009, 2013, dentre outros.

pensado por nós dois e pode-se dizer que foi algo desejado por ambos desde 2008, quando lá estivemos para a participação de um evento acadêmico “Material Worlds”, seminários de aposentadoria da professora Susan Pearce, cuja obra Murguia havia acabado de estudar com os alunos do PPGCI/UNESP na disciplina “As coleções como determinantes na organização do conhecimento”.

A questão da cultura material me chegou através da coletânea de trabalhos antropológicos de Appadurai, da museologia de Susan Pearce e de alguns criticistas literários americanos. Os estudos de cultura material, em última instância, evidenciam uma questão que pela força de sua obviedade, passou praticamente despercebida. Vivemos num mundo de matéria e somos de matéria, sentimos no corpo, pensamos pelo corpo e nossa exterioridade (se a há) se constrói pela relação com outros corpos. Corpo no seu sentido mais amplo, o qual abarca coisas e objetos, e dentre estes últimos ferramentas, utensílios e máquinas, os quais podem ter um fim utilitário ou simbólico.

O ponto mais polêmico da cultura material talvez seja a problemática da vida social das coisas e a biografia dos objetos. Esses conceitos incomodam à visão humanista da história. É uma tautologia ter que repetir que os objetos, incluído os autômatos, que por enquanto não possuem consciência de si, de um *self*, devam ser considerados como homens. Mas por outro lado, também é verdade, que quando inseridos em determinados percursos ou trajetos, eles adquirem uma movimentação, uma ação que escapa a nosso controle. Ainda, em determinados momentos eles agem sobre nós, determinando inclusive na nossa identidade.

Existe também o fato que não há como escapar à relação com os objetos. No entanto, essas relações se estabelecem de maneira diversa, algumas de maneira imperceptível, outras utilitariamente ou afetivamente. Ainda, passamos a vida descartando objetos, substituindo uns por outros, trocando-os. Embora exista também outro tipo de objetos que guardamos por alguma razão inexplicável (amuletos, gosto, etc.), ou porque me lembram a alguém ou uma situação especial (memória). Mas quando começo a guardar objetos porque alguma característica comum deles me agrada, ou me surpreende ou me serve como objeto de observação, falamos de colecionismo. O colecionismo é sistêmico por definição, os objetos coletados obedecem a uma escolha prévia que identifica um elemento comum a todos, o que a diferencia da acumulação, que é simplesmente recolha de objetos. (MOSTAFA, 2015, p. 167).

As discussões sobre o colecionismo foram fundamentais para a elaboração da minha tese e para que compreendêssemos como esse universo material se nos apresentava de fato. No caso da tese, estávamos diante do cenário do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o qual era de interesse de Eduardo estudar desde o início, quando me sugeriu o tema no tempo em que prestei o doutorado junto ao PPGCI/UNESP, em 2007. Eu, além de assumir a postura de pesquisadora e antropóloga como vinha tentando desenvolver³,

³ Vide mais sobre a discussão de etnografia em Souza, 2012. Também em Souza e Murguia, 2012.

tinha um dilema pessoal, por ser católica; e isso era uma dificuldade que nas orientações era constantemente vigiado, de maneira a não ser tão evidente assim nas páginas dos capítulos.

Eduardo sempre se definiu como ateu, apesar de manter uma pequena coleção de imagens de Nossa Senhora em sua casa, bem como imagens de São João Batista. Esse material, assim como dito na entrevista acima citada, revela um pouco da vida do pesquisador/coleccionador, que vinha de uma família de tradição católica, e que possuía uma instrução católica ímpar. Na sala de sua casa do seu apartamento no Flamengo, no Rio de Janeiro, mantinha pequenos objetos em miniatura que lhe eram muito caros: um pequeno presépio feito em marfim, estatuetas de santos paulistinhas, caixinhas, frascos em miniaturas e uma grande estante de livros⁴.

Começando pelos livros, estes podem ser vistos como talismã do corpo, como um emblema de si, como um micro e um macrocosmo, como mercadoria e conhecimento, como fato e ficção. O livro-joia incorpora significância pela virtude da tensão que cria entre o que está dentro e o que está fora, entre o que está contido e o conteúdo, entre a superfície e a profundidade. Já as miniaturas remetem a um universo que permanece perfeito e sem contaminação pelo grotesco, tão logo sejam mantidos os limites desse espaço (STEWART, 2007).

Leitor compulsivo que era, Eduardo tinha imenso apreço por seus livros. Todos que chegavam em seu apartamento se enamoravam da grande estante e dos títulos expostos que diziam muito sobre o dono da coleção: romances, livros de História e História da Arte que remetiam à sua formação inicial, títulos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, uma coleção de textos de Michel Foucault, livros em português, espanhol e inglês. Desde que nos conhecemos, Eduardo me apresentou os títulos dos trabalhos de Susan Pearce e de autores que trabalham o colecionismo, mas ele tinha um ciúme de seus volumes e os emprestava para leitura ou cópia sempre com certo receio, preferindo que o aluno adquirisse o seu próprio exemplar! Naqueles livros formei meus conceitos e convicções, além de ter podido compreender que aquela estante de livros era de fato uma extensão do próprio Eduardo.

As miniaturas revelavam uma interioridade que nem sempre era aparente naquele homem, mais reservado e bastante pragmático e racional em suas atitudes e falas. Interioridade essa que passava por uma infância de tradição católica, vivida em Ica, no Peru, onde, como dizia aprendeu a gostar de São João Batista, pois o achava dentre os santos católicos o mais másculo e forte, pois comia mel e gafanhotos no deserto. A miniatura, ligada

⁴ Vide <http://www.ibersid.eu/ojs/index.php/scire/issue/current/showToc> e a imagem de seu orientando Iuri Rocio Franco Rizzi, da biblioteca de Eduardo Murguía, mencionada no artigo de José Augusto Guimarães (2016).

a uma nostálgica visão da infância, apresenta uma diminutiva e manipulável versão da experiência, versão essa domesticada e protegida da contaminação de elementos que possam estragar ou corroer essa relação com as memórias revividas pela coleção (STEWART, 2007).

No espaço da sala de estar de seu apartamento, era possível pensar dois dos conceitos que foram amplamente discutidos em minha tese e que foram refletidos pelo próprio Eduardo em suas reverberações acerca do colecionismo, ou seja, enquanto a miniatura é o que representa a interioridade, o gigantismo é o que representa a exterioridade e essa noção podia ser vislumbrada na grande quantidade de livros que possuía. A noção de gigantismo sugere uma interface entre o natural e o humano, liga-se ao público; o gigante é representado através do movimento e através do tempo, o gigantesco representa “a ordem e a desordem das forças históricas” (STEWART, 2007, p. 86).

Todos que chegavam ao seu apartamento se deleitavam em ficar olhando para a estante de livros e, quando não, fuçavam, pegavam um livro e outro para olhar, inteirar-se sobre o que tratava, entender o que era o assunto. Essa era também uma maneira de inteirar-se mais do trabalho intelectual do dono dos livros que, vendo aquilo que fora e era lido, podia-se ler o seu pensamento produtivo e acadêmico. Todavia, não se pode esquecer que os livros também eram uma coleção e se constituem como objetos, que “não são inertes ou passivos, eles ajudam-nos a dar forma para nossas identidades e propósito para nossas vidas” (PEARCE, 2003, p. 18).

E certas vezes alguns livros eram escondidos dos olhares dos admiradores curiosos: geralmente quando Eduardo descobria um livro muito bom, ele gostava de fazer um certo charme até dizer qual era o livro ou mesmo para mostrar o volume. Nem tudo que lia ficava às vistas da estante, alguns ficavam em cantos mais escondidos, para que somente o deleite dele, colecionador, pudesse satisfazer-se. A estante era sua vitrine para o exterior, organizada e classificada conforme a vontade do colecionador que cria um sentido próprio para sua coleção. Mas essa coleção somente mostrava aquilo que intencionalmente o proprietário gostaria que fosse visto e perscrutado.

Retomando as chamadas imersões, eram essas um exercício de produção profícuo e até se assemelhavam em parte a um evento ritualístico, lembrando que sem o caráter sagrado ou místico que envolve tal feita. Geralmente, eu ia ao seu encontro por alguns dias, para imergir em discussões sobre a tese que estava em ebulição. Pela manhã, Eduardo gostava de tomar seu café, seus almoços eram leves, e durante a tarde e à noite, enquanto estávamos conversando, escrevendo e lendo, havia um processo ritualístico reproduzido à exaustão: xícaras de café ou chá, cigarros e muita produção em conjunto. A imersão tinha um lugar

certo para acontecer (a casa dele), um tempo próprio de cada aluno/orientando, os chás, cafés e cigarros compartilhados assumiam em parte uma função simbólica de elementos rituais (TURNER, 2009) ajudando a desmistificar os conteúdos estudados e os objetos de estudo selecionados, tornando mais claro e inteligível tudo aquilo que esse quase exercício exegético promovia.

Quando o antropólogo Arnold van Gennep (1960, p. 7) fez seu trabalho sobre a classificação dos ritos, ele tratou de uma tipologia que identificou como sendo os “dynamistic rites”, ritos baseados no conceito de poder, são ritos que são transmissíveis; os poderes que eles lidam são passados entre os participantes do ritual. O exercício da imersão funcionava à semelhança de um “dynamistic rite”, visto que o exercício era empoderar o aluno/orientando para que pudesse investir-se no papel de pesquisador/escritor e, após a imersão, dar continuidade à pesquisa e escrita de seu trabalho acadêmico, com base nas inquietações e questionamentos que eram levantados durante os dias de imersão. “Nesse sentido, acho que meus trabalhos são intuições, inquietações mais do que esclarecimentos” (MOSTAFA, 2015, p165), e essas mesmas inquietações e intuições eram partilhadas nas imersões, deixadas prontas para vir à tona, pois delas se encaminhava as escritas dos trabalhos.

Costumo escrever a noite, e quando o faço, perco qualquer referência temporal. O outro da escrita me intimida, me sinto mais a vontade com a concretude da fala, do ouvinte de carne e osso com quem possa dialogar, e que me instiga com suas discordâncias. Por isso, acredito, minhas aulas foram sempre melhores e mais satisfatórias que meus artigos (MOSTAFA, 2015, p.165).

Essa fala de Eduardo na entrevista pode resumir o que também acontecia nas imersões: o diálogo era o fundamental durante o exercício, era quando se desenvolvia ideias, possibilidades, caminhos, erros e acertos. E esse diálogo demandava tempo, precisava de alguns dias e horas para que pudesse surtir efeito e resultado, era realmente como a imagem de afundar-se em uma piscina, imergir e ali permanecer até absorver toda a matéria possível, todo substrato que pudesse ser utilizado na construção de um artigo ou capítulo. Trabalho intenso, portanto.

Quem se dedica ao pensamento, deve fazer muitas renúncias, sacrificar domingos, etc. Acontece que quando nosso trabalho nos envolve, aos poucos ele se torna prazeroso, ao ponto de não poder prescindir dele. Até pouco tempo atrás eu considerava uma aberração, um jovem de tenra idade entrar num seminário e passar uma vida dedicada ao sacerdócio. Não estou me referindo à questão

religiosa da abnegação, senão ao fato de hoje ver-me nessa situação. Desde que entrei na universidade, nunca mais saí dela. Não saberia fazer outra coisa que ser professor universitário (MOSTAFA, 2015, p. 165).

A imersão e o ofício do pesquisador exigiam, portanto, uma dedicação *sui generis* do aluno na visão do professor Eduardo. Pude, de alguma maneira, personificar essa realidade durante meu doutoramento, pois meu orientador exigia uma dedicação grande de minha parte, especialmente no período em que me preparei para fazer a bolsa-sanduíche na Universidade de Leicester, no Departamento de Estudos sobre Museus, que ele julgava e entendia ser uma realização não apenas minha, mas dele também, pois era fruto da dedicação de ambos esforços.

E mais do que isso, Eduardo sempre exigiu uma dedicação plena à pós-graduação, voltada aos estudos, à pesquisa e ao aperfeiçoamento do trabalho. Isto é, a vida monástica de sacrifícios em prol da ciência não era apenas o que ele vivia, mas era o que esperava que seus orientandos também fizessem em benefício dos trabalhos que desenvolviam. Tão verdade esse fato que ele ficou algumas vezes bravo comigo, visto que eu exercia outras atividades como a docência em paralelo ao doutoramento ou estudos de assuntos que não mantinham relação direta com a tese.

Max Weber (1974, p. 267) explicita o trabalho intelectual da seguinte forma:

O camponês, como Abraão, podia morrer “saciado da vida”. [...]. Mas o homem “culto”, que luta para se aperfeiçoar, no sentido de adquirir ou criar “valores culturais” não pode fazer isso. Pode “cansar-se da vida”, mas não pode “saciar-se da vida”, no sentido de completar um ciclo. A possibilidade de aperfeiçoamento do homem de cultura progride indefinidamente, tal como ocorre com os valores culturais.

Em outro trabalho, “Ciência como vocação”, o sociólogo alemão aprofunda a discussão sobre o trabalho acadêmico:

A vida acadêmica é, portanto, um acaso incontável, é quase impossível arcar com a responsabilidade de aconselhar o jovem que vem pedir orientação em vista da sua habilitação. Se for um judeu, diz-se lhe naturalmente: *lasciate ogni speranza*. Mas a qualquer outro deve, em consciência, perguntar-se: “Pensas que conseguirás suportar, sem amargura e sem prejuízo, que, ano após ano, sejas ultrapassado por mediocridade após mediocridade? Em seguida, a resposta que se recebe é, evidentemente, esta”: Claro, vivo só para a minha “vocação” – da minha parte, pelo menos, conheci muito poucos que tenham suportado isto sem dano interior (WEBER, 2005, p. 7).

O viver a ciência como vocação fez parte da vida do professor Eduardo Ismael Murguia e era um propósito que ele buscava compartilhar com seus alunos, especialmente com seus orientandos. O viver para e da ciência, assim como ele mencionou, mediante

sacrifícios e dificuldades, já era no texto weberiano objeto de reflexão acerca desse profissional, o cientista por vocação, indivíduo que é parte da sociedade moderna de uma maneira muito mais presente, pelos avanços da ciência desde o século XVIII especialmente.

A consagração, por assim dizer, dos trabalhos acadêmicos se dá pela produção de documentação que valida o conhecimento produzido e ancorado em artigos científicos que estabilizam conceitos e noções acerca de determinados assuntos. Como fruto dos exercícios de imersão, saíam trabalhos escritos, como as dissertações, teses, artigos e capítulos de livros, os quais eram altamente exigidos em rigor por parte do professor Eduardo Murguia. Não havia produção que ele não exigisse que fosse feita revisão externa do texto; fiz essa prática para minha qualificação, para a defesa e para todos os artigos científicos que produzimos juntos. A revisão, ortográfica e conceitual, era fundamental para a apresentação do documento desdobrado dos esforços das imersões e de anos de estudos de seus orientandos. Como fruto de uma dedicação quase exclusivista, o artigo produzido deveria reproduzir o que havia de melhor dentro da reflexão desenvolvida por ele e por um orientando, por exemplo, promoveria a circulação social de ideias dele e de seus pupilos (MURGUIA, 2011).

Ao longo da pós-graduação, Eduardo Murguia solicitou-me que todo o texto da tese fosse submetido também à sua leitura, pois ele entendia que a construção era conjunta e não solitária, daí o caráter duplo da orientação. Alguns trabalhos como o de Souza (2012), Grigoletto (2013), Pedrão (2013b), são trabalhos que refletem parte das ideias e opções teóricas do professor e são textos que se associam, corroborando a compreensão do pensamento teórico-epistemológico do intelectual em foco. Também se pode verificar esse fato em publicações com seus alunos.

Eduardo, durante as pós-graduações de seus orientandos, pedia que as publicações viessem sempre com o nome de ambos, dele e do orientando, o que assinalava uma confusão de pessoas na escrita do texto. O nome próprio é um atestado de identidade, fundamento de unidade e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar manifestações; designador rígido que é, o nome próprio é a forma de imposição arbitrária pela qual operam os ritos de instituição, introduzem divisões e classificações (BOURDIEU, 2006). A nomeação conjunta refletia então que todo trabalho era um trabalho conjunto, produto de um exercício intelectual em parceria, fruto de associações entre orientando e orientador. Rede de associações que se estendiam para os não-humanos (LATOUR, 2012), os livros, e as leituras feitas por professor e aluno, pela escrita pareada, pela revisão constante interna e externa para a consecução do ancoramento da ciência em seus escritos científicos.

3 OS TRABALHOS DA MEMÓRIA E SEUS AGENCIAMENTOS

Discussão bastante pertinente aos trabalhos de Eduardo Murguia diz respeito à questão da memória. Contudo, antes de aprofundar, vale relembrar um fato vivenciado com o professor Murguia. No primeiro semestre de 2015, como parte do trabalho proposto em meu pós-doutorado, ofertamos uma disciplina junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF/Niterói/RJ. Eu viajei todas as semanas, entre os meses de março a junho, para o Rio de Janeiro; instalava-me no apartamento dele, por dois ou três dias, os quais serviam de preparação das aulas, discussão de textos e de convivência.

Certas noites passava na televisão no canal Cultura o seriado *Downton Abbey*, que sempre assistíamos. A série trata da história de uma família nobre e de um grande palacete, no interior da Inglaterra, e de como ao longo do início do século XX a família lutou pela manutenção desse patrimônio; entre guerras e a queda da bolsa de Nova York em 1929, as personagens vivem tramas sempre ligadas à grande casa, na tentativa de mantê-la em poder da família e de seus descendentes.

Eduardo também morou na Inglaterra nos anos de 1980, em Leeds, onde fez uma pós-graduação em “Information Work”, junto ao Leeds Polytechnic. Deliciávamos em ver no seriado cenários e paisagens, modos de agir e de viver dos ingleses que nos eram familiares das experiências que lá vivemos, o sotaque do idioma, as posturas e atitudes. Assistir *Downton Abbey* era um exercício de reviver um pouco lembranças que foram felizes na trajetória pessoal e acadêmica de ambos, além de ser a possibilidade de manter uma identidade entre nós.

Sea individual o colectiva la memoria se articula apelando a las sensaciones, a las emociones, al lado emotivo de la subjetividad. Por esto, algunos historiadores ven a la memoria como la manera más auténtica de la relación que el sujeto establece con el pasado para la construcción de su identidad. Por consiguiente y justamente porque la memoria es un elemento constitutivo de la formación de la identidad (individual o colectiva), ella se torna susceptible de manipulación. No que le sea añadido cualquier sentido ético o moral, sino simplemente en tanto construcción social, direccionada hacia algún fin. De modo que la memoria no es inocente, ni espontánea, ni desinteresada como tradicionalmente se pensó. Por el hecho de ser selectiva, la memoria, en este caso social, se construye por la elección de algunos acontecimientos, personas, lugares o datos y por el relegamiento de muchos otros. En este sentido, la memoria social sería la edificación de los recuerdos que identifican un grupo, hacia el silenciamiento, consciente o no, de otros recuerdos. Recordar y olvidar constituyen, al mismo tiempo, la fragilidad y la fuerza de la memoria (MURGUIA, 2001, p. 22).

A série retrata muito bem as tradições e rigores sociais de uma sociedade de época britânica, marcadamente delimitada no modo de vida de uma classe nobre sempre pautada

pelo respeito às posturas, normas e mesuras, em oposição o tempo todo ao modo de vida simples e mundano de uma dezena de funcionários que serve essa família, e que é o contraponto na série. Enquanto se ve a família vivendo um modo de vida pré-estabelecido por padrões sociais, agindo conforme práticas sociais definidas, tem-se os empregados simplesmente vivendo uma vida de muito trabalho e poucos lazeres.

Essa constatação pode levar à reflexão sobre o exercício da História como uma prática, que era algo vivido e explícito no trabalho acadêmico de Murguia. História entendida como prática (uma disciplina), seu resultado (o discurso) ou a relação entre ambos sob a forma de uma produção (CERTEAU, 2011). Essa produção se materializava nos escritos que ele e seus orientandos produziam: escritos digeridos, revisados (ele sempre exigiu que os artigos e trabalhos passassem por revisão e correção externas antes de qualquer avaliação), regurgitados e muitas vezes novamente reescritos e remontados, quase que passível de se dizer que tão repassados quanto a um rigor inglês. O ofício do historiador era para Eduardo uma atitude também política, tanto que deixou claro para alguns de seus orientandos que não tinha a pretensão de ter alunos, e sim de formar seguidores⁵.

Não acredito que a memória seja unicamente uma questão epistemológica e/ou metodológica, ela vem a sê-lo, porque antes se constituiu numa questão política. Ênfase ainda que é política porque nos coloca numa situação partidária no sentido de ter que tomar partido por alguém. Como qualquer outra instituição, arquivos, bibliotecas e museus são campos de força do poder. Mas, quando queremos que eles sejam lugares de memória esse poder ou esses poderes nos colocam necessariamente numa posição, neste caso no lugar da política. Se sentirmos a necessidade de fazer de uma dessas instituições um lugar de memória tem que ser mostrado que eles servem a um grupo que é melhor ou igual aos outros. Isso é luta, isso é embate, isso é algo que nos apavora e nos imobiliza. Finalmente, lembro-me de Lucien Febvre quando escreveu *Os combates pela História*, justamente porque queria coloca-la no mesmo lugar das ciências sociais perante a qual os historiadores franceses da primeira geração do *Annales*, se sentiam ameaçados. Talvez, deveríamos perder o pudor de combater pela memória. (MOSTAFA, 2015, p. 172).

Dessa maneira, então, pode se depreender que tal qual é o desenrolar da série mencionada, e com base naquilo que Murguia sugeria, pode-se pensar a memória como sendo esse campo em constante conflito e disputas. A série serviu de exemplo nesse contexto para se pensar que, assim como a memória, a família nobre do seriado luta todo o tempo pela manutenção de sua existência, pela permanência da mesma em *Downton Abbey*, bem como

⁵ Em sua fala, durante o encerramento da minha defesa de doutoramento, Eduardo Murguia colocou a minha tese como sendo a consecução de um doutoramento e a consecução de um papel de orientador de doutorado. Colocou-se então como orientador de doutorado, sentia-se como tal, e meu doutoramento fora um ato político no sentido de possibilitar a construção de uma relação entre ele e uma orientanda que dialogava com suas ideias e preceitos, que bebia de suas fontes de referência e que caminhava em caminhos semelhantes aos seus.

pela tentativa de manter uma família, ainda que sujeita a mudanças do tempo e sujeita a conjunturas e novos fatos que se põe. A memória é esse campo de disputas, no qual vozes diversas dialogam e competem na formação de discursos, pela manutenção de identidades e de tradições. Há vozes que vencem e há vozes que perdem nessa disputa e Murguia não se eximia de reconhecer essa fatalidade histórica, ao contrário, via nela uma realidade factível da vivência do historiador, de ter que escolher sempre entre quais memórias revelar em detrimento de outras.

O lugar onde se desenrola a série, o palacete de *Downton Abbey*, é de fato o personagem principal dos episódios; as personagens se envolvem em tramas sempre vividas dentro de seus cômodos, os quais determinam um modo de vida nobre para a família e um modo de vida austero e árduo para os empregados. *Downton Abbey* promove agenciamentos sobre tais pessoas.

Os objetos materializam e subjetivam o ser: nossos pensamentos através dos livros, nossos medos e incertezas pelos fetiches e nossos afetos nos *souvenirs* etc. Nesse sentido, eles são a própria inscrição do ser-no-mundo. Eles nos presentificam e nos remetem a tempos e espaços irrecuperáveis. Eles determinam nossa existência, no sentido de que eles assim o permitem (MURGUIA, 2010, p. 131).

A série nos agenciava também, permitindo-nos presentificar tempos e espaços que eram irrecuperáveis e que tinham relação direta com as memórias que carregávamos do tempo que vivemos na Inglaterra durante nossos estudos. A série era um dos objetos que partilhávamos, além do chá, do café e dos livros, no final de sua vida. Partilhávamos também uma trajetória de vida múltipla: bacharelado e mestrado em áreas diversas as da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, o que talvez nos tenha aproximado, por alguma crença comum na interdisciplinaridade.

Por outro lado, desde o início da ciência da informação, nos textos fundadores de nossa área (por chamá-los de algum modo) reiteradamente, a interdisciplinaridade foi colocada como uma de suas características principais. Assim quando se fala que a linguística, a tecnologia, a gestão, etc. são áreas necessárias na formação do profissional da informação, está-se querendo significar a apropriação dessas áreas dentro e a favor da ciência da informação. Ao longo da história da ciência da informação, em linhas gerais, essa foi uma operação bem sucedida. [...].

Assim respondendo a sua pergunta, considero de vital importância que o profissional da informação transite e se aproprie de qualquer ciência ou área de conhecimento, minha crítica vai num outro sentido, de preparar profissionais que através da pesquisa tracem diversos percursos, que profissionais vindos de outras

áreas conheçam nossa área para poder falar dela. E que institucionalmente a interdisciplinaridade seja evidenciada e não camuflada. (MOSTAFA, 2015, p. 182-184).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo era refletir como é relevante compreender a trajetória de vida de intelectuais de uma área de conhecimento, quando se pretende entender com maior profundidade a construção de um campo científico. A ciência é feita de atores sociais que tecem redes e essas assumem formas de acordo com as ações que esses sujeitos estabelecem com outros sujeitos na construção de um campo.

Eduardo Murguia foi, portanto, intelectual que corroborou para a construção da área da Ciência da Informação no Brasil e para a promoção da própria interdisciplinaridade dessa ciência com outras áreas de conhecimento, como a História, por exemplo. Sua trajetória e sua formação profissional e intelectual foram sempre voltadas para a construção da figura de um intelectual acadêmico e que na produção de seus escritos, deixou vestígios para se pensar a área em questão para além da sua reflexão metodológica, pensando seus desdobramentos quanto à memória, por exemplo, e seus diálogos com outras searas do conhecimento, como a História e a Filosofia.

A figura do intelectual orgânico de Max Weber pode ser assemelhada ao perfil de Murguia, no ponto em que toca a construção de uma biografia, seja ela teórico-epistemológica, seja ela prática, de personificação de um professor plenamente engendrado em sua opção de vida, que foi a docência universitária. Docência essa que assumiu um caráter político do ponto de vista de formação de outros pesquisadores, de empenhar outras pessoas no mesmo ofício de fazer da ciência seu objetivo de vida e de carreira.

Além disso, como é praxe da figura do intelectual ele conseguiu promover um grupo de atores que se associam por meio de ideias e conceituações comuns. Foi produtor de redes, nas quais se associou a outros intelectuais e também a alunos e orientandos, sempre com o foco em construir estabilizações dentro de sua área de conhecimento. Com o seu modo de fazer ciência, em especial com as imersões, ajudou a construir novos cientistas, a formar novos agentes participantes dessa grande rede que é a ciência e fazer deles continuadores em parte de preceitos que inculcou em seus seguidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

GRIGOLETO, Maira C. *A documentação patrimonial: gênese e fluxo dos processos de tombamento do museu “Prudente de Moraes”*. Dissertação de mestrado. UNESP: FFC/DPGCI, 2009.

_____. *Documento, poder e governo: os agenciamentos políticos na construção patrimonial no Arquivo Central do IPHAN/ Seção do Rio*. Tese de Doutorado. UNESP: FFC/DPGCI, 2013.

_____; MURGUIA, Eduardo Ismael. O patrimônio como determinação da memória: os bastidores da dinâmica processual do tombamento da casa do presidente Prudente de Moraes. *Anais Digitais do XI Enancib*. Rio de Janeiro, out. 2010. Disponível em: <http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-10/2-uncategorised/188-gt10-anais-digitais-xi-enancib>, acesso em julho 2016.

_____; _____. As bases epistemológicas do patrimônio institucionalizado. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.8, n.2, jul/dez. 2015. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/194/243>, acesso em 2 dez. 2015.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Homenaje ao professor. *SCIRE*, nº 22, vol 1, p. 13-14, disponível em <http://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/issue/current/showToc>, acesso em julho 2016.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1), p. 109-129, 2004.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador/Bauru: EDFBA – EDUSC, 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel. Entrevista. *InCID: R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p.164-184, set. 2014/fev. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/84841>, acesso em junho 2015.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In: MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Org.). *Documento: gênese e contextos de uso*. Niterói: EdUFF, 2010. p. 123-140.

_____. Da Ciência da Informação à Cultura Material. *Relatório de estágio de pós-doutorado*. Rio de Janeiro: IBICT, junho 2011. Disponível em <http://www.ibict.br/capacitacao-e-ensino/pesquisa-em-ciencia-da-informacao/pos-doutorado/pesquisas-concluidas-1/da-ciencia-da-informacao-a-cultura-material-os-conceitos-de-fundo-e-colecao-como-principios-da>

[organizacao/Eduardo%20Murguia_%20Relatorio%20Pos-Doutorado.pdf](#). Acesso em julho 2016.

_____. Archivo, memoria e historia: cruzamientos e abordajes. Revista de Ciencias Sociales. Nº 41, Quito/Equador, set.2011, p. 17-37. Disponível em: <http://www.flasco.org.ec/docs/i41murguia.pdf>, julho 2015.

PEDRÃO, Gabriela B; MURGUIA, Eduardo I. O arquivo Zeferino Vaz: um lugar de construção da memória da UNICAMP. *Anais do XIV Enancib*, Curitiba/PR, 2013a. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000013736/e03750fdb1fadffb755aaf14cb34a7a>, acesso em julho 2016.

PEDRÃO, Gabriela Bazan. *O arquivo Zeferino Vaz: um lugar de construção da memória da UNICAMP*. 2013b. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122065>>. Acesso julho 2016.

PEARCE, Susan. *On collecting: an investigation in European tradition*. London/UK, Routledge, 2003.

SOUZA, Bianca Gonçalves de. *A documentação de fé: fluxos, apropriações e enquadramentos de objetos votivos no Santuário Nacional de Aparecida*. (Tese de Doutorado). DPPGCI/UNESP, Marília/SP, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103389>.

_____; MURGUIA, Eduardo Ismael. Documentação de fé: reflexões sobre os ex-votos da sala das promessas do Santuário Nacional de Aparecida. *Anais do XIII Enancib*, vol. 5, nº 1, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/84>, acesso em julho 2016.

_____; _____. Memória e tradição positivista no Brasil: reflexões sobre o processo de elaboração de um projeto de nação a partir da proclamação da República. *Anais do XVI Enancib*, João Pessoa/PB, out.2015. Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2777/1231>, acesso em julho 2016.

STEWART, Susan. *On longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection*. Estados Unidos, Duke University Press, 2007.

TURNER, Victor. *The ritual process: structure and anti-structure*. New Brunswick/USA; Londres/UK, A Division of Transaction Publishers, 2009.

VAN GENNEP, Arnold. *The rites of passage*. Londres/UK, Routledge and Kegan Paul, 1960.

WEBER, Max. Ensaio de Sociologia. *Os Pensadores*. São Paulo, Ed. Abril, 1974. Vol. XXXVII.

_____. Ciência como vocação. *Três tipos de poder e outros escritos*. Tribuna da História, Lisboa/Portugal, 2005. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf, acesso em julho 2016.

